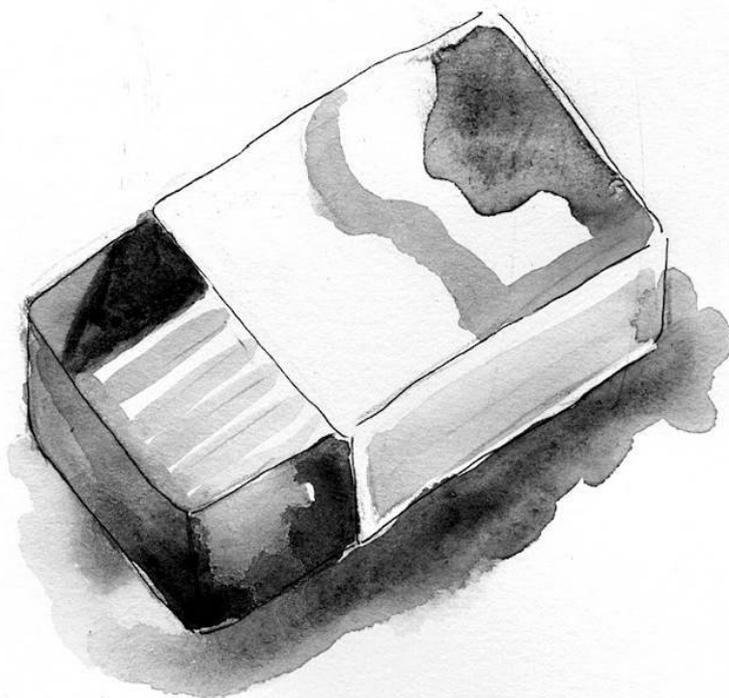


Leia primeiro



Miniconto inédito de Aline Fátima

NOTAS SOBRE HOMENS

1. Aquele cara da Sé

Chove demais no verão de São Paulo. Numa tarde cinza e quente cheguei na praça da Sé pra arrumar um baseado, esperar passar o horário de pico, fugir da muvuca, me iludir, depois desiludir, entre um trago e outro. De alguma forma eu me sentia bem ali em meio à feira do rolo, onde tudo se compra e tudo se vende. Parece que até a alma. O tráfico e seu bailado indiscreto conseguia reunir um público diverso: hipsters, executivos, bancários, artistas de rua, sambistas, roqueiros, todo mundo com o mesmo objetivo de conseguir um tiquinho do veneno que lhe cai melhor. Pó ou chá? Pergunta o homem com um moletom azul. Ele é negro, mas trás um nariz pontiagudo dando-lhe um aspecto que remete aos índios norte americanos. Chá, eu disse. Então abriu a mão esquerda onde pude escolher uma dentre as cinco ou seis parangas que trazia ali. Dez conto. Cara, mas chapa. Eu botei fé. Entre um samba e outro batucado num balde desses de margarina e o canto rouco de vozes curtidas em corote e tabaco envenenado, eu apertei o baseado. Um rapaz sentou na roda e cantou muitos sambas também. Ele era baixo, magro com ombros largos. Moletom verde-musgo e bermuda. Um fone branco onipresente. Quando começamos a tocar “Cilada” do Katinguelê ele cantou com mais emoção. Eu dei uns dois e guardei a baga, porque não costumo dividir droga com quem não conheço. Não aceito e não ofereço. Ele tirou o celular do bolso e mostrou a fotografia de uma jovem chamada, segundo ele, Lohane. Na imagem a moça está de costas, longos cabelos negros. Essa música, aconteceu comigo, disse. A mina gosta de mim, mas faz programa, não tiro a razão dela, a gente tem que se virar, né? Sabe, é que a gente tem uma amizade dahora. Essa música é foda. Abriu e fechou o aplicativo de conversa duas vezes, depois guardou o celular. Começou a chover novamente. Me mostrou as parangas que tinha pra vender, eu disse que já tinha comprado e agradei. O horário de pico passou e a desilusão nos atravessou sambando.

2. Mochila

Tem um nóia que passa aqui na rua. Magro, muito magro. E alto. Ele não tem traços negros; nariz grande e fino, lábios finos. Me lembra algo mouro. Sua pele é escurecida pelo sol. É notável. Ele chama qualquer pessoa de 'pai' se for homem e 'mãe' se for mulher. Aparenta ter no máximo 30 anos, embora envelhecido pelo uso, sabe-se lá desde quando, de crack. Dentes deteriorados etc. Um dia havia muita madeira de um guarda-roupa que alguém jogou na rua. Fiquei abismada ao ver tão aparentemente frágil criatura carregar tábuas e mais tábuas nas costas dali até o centro de reciclagem mais próximo. O que mais ainda me estarreceu de imediato - seguido por um sentimento de orgulho de pertencimento a essa espécie que denominamos homo sapiens - foi descobrir a engenhosa tecnologia pelo nóia desenvolvida para sofrer menos na hercúlea tarefa de carregar - não um numeroso rebanho de bois outrora pastorados por um gigante monstruoso de muitas cabeças, como o fizera o herói grego, mas um guarda-roupa das Casas Bahia desmanchado no asfalto. Vendo-o descendo a rua quase não se percebe. Mas quando ele volta subindo, vê-se bem que traz às costas uma pequena mochila rosa com o desenho de uma boneca. Me pareceu uma lancheira. Até então eu não havia processado a proposição da equação que presenciava ali. Quando ele voltou descendo percebi tudo. Digo percebi porque eu não somente compreendi o cálculo, mas, principalmente, senti em minha carne a vibração da existência. A mochila servia de proteção para as magras costas daquele nóia. Não teria assim que aguentar a madeira velha soltando farpas em sua pele fina. Aquela mochilinha esgarçada, provavelmente resgatada do lixo, exercia um papel fundamental naquele processo que durou aproximadamente quatro idas e vindas.

3. Uma história que eu inventei

stou nesse momento escrevendo com a coluna encurvada, capuz e casaco de moleton preto, íris dilatadas pelo fumo e iluminadas pela lente do celular. Comecei a escrever porque vivi uma catarse no banheiro alguns minutos atrás (o suficiente para dar tempo de correr para o quarto e abrir o bloco de notas do aparelho). Ele parecia feito de canela. Um marrom avermelhado e um gosto ao mesmo tempo doce e ardido. Já era homem aos

oito anos. Aos vinte e poucos se tornara um ancião. A lida pesada, todo dia, o dia todo, sol, chuva, enchente, barraco, bater laje, vender água, catar latinha. Uns dentes perfeitos que até assustavam a gente de tão brancos. Tronco adolescente, antebraço heróico. E mãos. As mais belas em que eu já havia colocado os olhos em cima. Um surpreendente anel dourado com um rubi. O vermelho e o ouro se apresentavam altivos e lacônicos. Mas o pecado aparecia mesmo era na textura de pele de serpente no corpo do anel. Bijouteria, disse diante de meus olhos estatelados de êxtase frente a tamanha beleza. Minha catarse aconteceu porque eu me dei conta, não tão mais que de repente, que aquele jovem existia apenas para mim que o via, o tocava. Ao tornar-se desconhecido, o conhecido escapa à monotonia. Realizei que ninguém jamais o conhecerá. Não saberá jamais seu nome, sua história, o jeito que beija, sua fé vacilante, seu temperamento melancólico, sua capacidade de sobrevivência, sua beleza, sua sagacidade. Eu fui agraciada. Ao mesmo tempo amaldiçoada. Porque onde se tem tudo não se tem nada. Amaldiçoados somos todos. Talvez por tal motivo foram criadas as religiões. Confrarias de transmissão de formas de - não superar, pois que é impossível - coexistir com a grande angústia. É alegrar-se diante do nada abismal. Num beijo, numa reza, numa obra de arte. Olhei para o relógio, deu a hora.

Aline Fátima

36 anos, cresceu em Cidade Tiradentes, bairro periférico do extremo Leste de São Paulo; Formou-se em Linguística na USP; foi professora durante anos na rede pública da cidade; Vem construindo, desde 2005 uma densa pesquisa autônoma sobre arte e as culturas e expressões artísticas negras tradicionais e urbanas; É performer com formação em Capoeira Angola, Danças Afrobrasileiras, Dança Contemporânea e Urbana; Aline transita e atua em diversas linguagens e plataformas: música, pintura, dança, escrita, cinema e vídeo. Entre seus temas de interesse estão a juventude periférica, performance, poesia, mitologia criativa e fissuras entre o sagrado e o profano.
alinecostaf@gmail.com

Canhota, Carolina Itzá.



(c) Canhota.